

A cultura do corpo ideal. Por Denise Knust.

Como influências socioculturais podem contribuir para a insatisfação corporal e os distúrbios psicológicos.

A escolha do tema para a coluna de março não foi aleatória, já que o mês é conhecido pela promoção de debates e ações sobre direitos e conquistas femininas.

A pesquisa bibliográfica que fundamentou este artigo mostrou que a cultura do corpo ideal ultrapassa limites geográficos, porque está presente em países com perfis histórico, político, social e econômico distintos como Estados Unidos, Malásia, Taiwan, Irã, Austrália, França e Brasil, apenas para citar alguns. Também ignora barreiras demográficas ao alcançar mulheres com etnia, faixa etária, formação, ocupação e nível de renda diversos.

Ao longo dos anos, as indústrias da comunicação, da moda e da beleza têm tratado o corpo feminino como algo maleável, ao propagar estereótipos nem sempre possíveis de alcançar, seja na modelagem das roupas, dietas e cirurgias plásticas. Pela lente da psicologia, esses padrões contribuem para uma objetificação do corpo, que leva meninas e mulheres à autovigilância, ansiedade de aparência e vergonha corporal, podendo desencadear sofrimento psíquico e transtornos alimentares de fundo nervoso como a bulimia e a anorexia.

De acordo com Emma McClendon, curadora da exposição *The Body Fashion and Physic*, que esteve em cartaz no *Museum at the Fashion Institute of Technology* de Nova York entre 2017/2018:

“Antes do século dezenove, o ideal de beleza para o corpo feminino era curvilíneo com cintura estreita, esculpida por espartilhos. O uso era comum para meninas e mulheres de classe alta. As inovações tecnológicas tornaram o espartilho acessível a um número maior de mulheres, popularizando o acessório. Era esperado que elas usassem essa peça íntima durante a gravidez, inclusive”.

Nas décadas de 1960 e 1970, o padrão de beleza era o das “super magras”, visto ainda hoje nas modelos de passarela. Na década de 1980 que surgiram os primeiros relatos de pessoas famosas sobre distúrbios alimentares, como o caso de Diana, Princesa de Gales. O aumento dos casos levou a Associação Psiquiátrica Americana a reconhecer a bulimia como distúrbio alimentar de fundo nervoso, fazendo com que o serviço de saúde pública, e os planos de saúde, cobrissem as despesas de tratamento.

Registros de padrões corporais são comuns desde a Roma Antiga. Os motivos variam da necessidade de aceitação e ascensão social até a prática religiosa. Felizmente, a crescente conscientização sobre a importância da diversidade tem reforçado a mensagem que todos os corpos, independente de suas medidas, devem ser aceitos. A discussão precisa ir além da estética. É questão de equilíbrio e bem estar físico e mental.

-

Fontes

HOWARD, Jacqueline. The history of the 'ideal' woman and where that has left us. In CNN Health, 9 de março de 2018, disponível em <https://edition.cnn.com/2018/03/07/health/body-image-history-of-beauty-explainer-intl/index.html>. Acesso em 9 de março de 2023.

Let's Get Real About the History of Eating Disorders. In Eating Recovery Center, 10 de janeiro de 2022. Disponível em <https://www.eatingrecoverycenter.com/blog/eating-disorders-history>. Acesso em 14 de março de 2023.

McCLENDON, Emma. The body fashion and physic. Disponível em <https://museumfit.wpenGINEpowered.com/the-body/wp-content/uploads/sites/30/2017/12/the-body-fashion-and-physique-brochure.pdf>. Acesso em 12 de março de 2023.

PRADO, Caio. Busca por padrões estéticos pode levar a distúrbios alimentares. Em Faculdade de Medicina da UFMG, 9 de março de 2019. Disponível em <https://www.medicina.ufmg.br/busca-por-padroes-esteticos-pode-levar-a-disturbios-alimentares/>. Acesso em 9 de março de 2023.